

PARTE I

O jovem Himmler

Infância e juventude

Poucas semanas antes de sua morte, em 1980, o escritor alemão Alfred Andersch concluiu uma “história escolar” autobiográfica em que descreve uma aula de grego, ministrada no Wittelsbacher-Gymnasium, em Munique, 52 anos antes: trata-se da última lição que Andersch teve naquela instituição em 1928.

O drama tem início no momento em que o diretor da instituição, o severo e temido “Rex”, faz uma visita surpresa à classe. Primeiro acontece uma discussão entre o diretor e um aluno muito autoconfiante de origem nobre, que rapidamente se agrava e culmina com a expulsão do aluno insubordinado. Mas esse foi só o prólogo, pois o diretor ainda manda o herói da história, a quem Andersch deu o nome de Franz Kien, ir ao quadro onde não só tem o prazer de demonstrar como eram miseráveis os conhecimentos de grego do aluno, como também humilha Kien-Andersch segundo todas as regras da arte — de modo cínico, malicioso e infame. Ele é também convidado a deixar a instituição.

Rex, fica-se sabendo, na realidade se chamava Himmler, e Andersch deu à história o título de *Der Vater eines Mörders* (O pai de um assassino).

A “história escolar” de Andersch é uma possível tentativa de se aproximar do fenômeno Himmler: a carreira do assassino em massa, sugere-se aqui, seria resultado de um conflito entre pai e filho que acaba transformando Heinrich Himmler em um revolucionário da extrema direita que se rebela contra o pai ultrassevero, tornando-se seu “inimigo mortal”. Não seria de se esperar, questiona Andersch, que, “com um pai desses, segundo a necessidade natural, ou seja, de acordo com regras psicológicas bem compreensíveis, e pelas leis do conflito entre gerações subsequentes, e das consequências paradoxais da tradição familiar, resultasse necessariamente um filho assim?” Andersch, no entanto, reconhece não ter resposta definitiva para a pergunta.

Após a publicação prévia do romance de Andersch no jornal *Süddeutsche Zeitung*, surgiram inúmeras cartas de leitores que tinham conhecido Gebhard Himmler pessoalmente. Elas mostram um quadro ambíguo: ele é descrito

como alguém que se curva perante os superiores enquanto maltrata os subordinados, mas também como “uma personalidade enérgica, que impõe respeito e que tem alto nível intelectual”.¹

Otto Gritschneider, um conhecido advogado de Munique, autor de inúmeros artigos críticos sobre a Justiça bávara durante o regime nazista, recordava-se do antigo professor Gebhard Himmler como “um Rex justo (e justiça é algo reputado como muito importante pelos alunos), que se empenhava muito para que nossas jovens mentes tivessem acesso à cultura e à história de nossa pátria e de nosso continente”. Gritschneider, aliás, fora colega de classe de Andersch e sentava-se ao seu lado; segundo ele, Andersch era apenas um mau aluno e sua carreira estudantil fora interrompida de maneira totalmente normal.²

Os Himmler e o filho Heinrich

Gebhard Himmler, pai de Heinrich Himmler, era filho de um funcionário público subalterno e protestante, um clássico alpinista social. O pai de Gebhard, Johann Himmler, nascido em 1809, vinha de uma família de camponeses e operários de Ansbach e era tecelão por formação. Seguindo uma carreira inconstante no Exército e na polícia real bávara, conseguiu se tornar brigadeiro (o que correspondia ao posto de sargento de polícia). Após a exoneração em 1862, trabalhou na administração distrital de Lindau até a morte em 1872. Poucos meses após a mudança para Lindau, já com 53 anos de idade, Johann Himmler desposou Agathe Rosina Kiene, 24 anos mais jovem que ele, católica e filha de um relojoeiro de Bregenz.³

Em 1865 nasceu Gebhard, o filho do casal. Ele tinha 7 anos de idade quando o pai morreu. A mãe lhe deu uma educação católica, e Gebhard certamente devia à sua influência a energia e a determinação que o ajudaram a ascender socialmente da origem pequeno-burguesa à classe média intelectual. Em 1884, iniciou os estudos na Universidade de Munique, onde se ocupou principalmente de germanística e das línguas clássicas, concluindo o curso de licenciatura em 1888.⁴ Em seguida, passou algum tempo em São Petersburgo, onde, à época, havia uma colônia alemã relativamente grande, e trabalhou como preceptor na casa do cônsul honorário, o barão Von Lamezan.⁵ Por meio da amizade de Lamezan com o príncipe regente da Baviera, Gebhard estabeleceu relações com a corte bávara. De volta à Baviera, empenhou-se para se estabelecer como professor de ensino médio. De início, a partir de 1890, lecio-

nou como professor temporário em escolas de Munique, mas em 1894 gozou do raro privilégio de ser contratado como preceptor de Heinrich, filho do príncipe Arnulf, irmão do príncipe regente e, mais tarde, rei Ludwig III da Baviera.⁶ Depois de concluir essa atividade com sucesso em 1897, obteve o cargo fixo de professor de ensino médio no tradicional *Wilhelmsgymnasium*, em Munique.⁷

Seu novo emprego finalmente lhe permitiu constituir família. Em 1897, casou-se com Anna Maria Heyder, filha de um comerciante de Munique, de 31 anos — um ano mais nova. Ela também perdera o pai muito cedo, aos 6 anos (o pai tinha 55 anos quando ela nasceu).⁸ Tudo indica que trouxe considerável fortuna para o casamento.⁹

Depois do irmão Gebhard, nascido em julho de 1898, Heinrich foi o segundo filho desse casamento. Nasceu em 7 de outubro de 1900. Foi uma grande honra para a família Himmler que o príncipe Heinrich, então com 16 anos, aceitasse o pedido de Gebhard para ser o padrinho da criança. É verdade que o príncipe ocupava apenas o pouco promissor nono lugar na linha de sucessão dos Wittelsbach, mas o apadrinhamento assegurava relações com a corte, condição de extrema importância para o futuro da família que tanto buscava a ascensão social.¹⁰ Naturalmente, o mais jovem descendente recebeu o nome do influente padrinho; como segundo nome, optou-se por Luitpold, nome do príncipe regente. Aliás, o segundo nome do filho mais velho, Gebhard, era Ludwig, em homenagem ao rei da Baviera, falecido em 1886. Em 1905, Heinrich ganhou mais um irmão, Ernst.

É certo que os Himmler esforçaram-se em levar uma vida confortável, imbuída de dedicação e religiosidade, como era de se esperar de uma família próspera de funcionários públicos de Munique na virada do século. Enquanto a mãe se dedicava totalmente à casa e ao bem-estar dos filhos, o pai não só se destacava em sua função de professor de ensino médio, como também se esforçava ao máximo em passar para eles os frutos de suas qualidades pedagógicas.¹¹

No centro da educação estava a transmissão de bem-fundamentados cânones de formação, que englobavam, principalmente, literatura clássica, sólidos conhecimentos de história e domínio das línguas antigas. O grande esforço em habituar os filhos às maneiras e convenções sociais revela, possivelmente, a insegurança de um pai de origem mais simples. A educação religiosa e a participação ativa na vida da paróquia era algo natural; Anna Himmler prezava de tal modo a orientação ao catolicismo que Gebhard achou por bem preveni-la de exageros nessa área.¹²

A autoridade do pai não se manifestava pela inacessibilidade ou severidade despótica, mas pelo paciente trabalho com os filhos; eram submetidos a um sistema de regras e proibições cuja estrita obediência era supervisionada com minúcia e certo pedantismo. A severidade do pai almejava um efeito duradouro e, aparentemente, harmonizava com bondade, amor e ternura.¹³ Gebhard ocupava grande parte de seu tempo livre com sua coleção de selos, hobby com o qual familiarizou os filhos. Também lhes ensinou estenografia — grande parte da correspondência familiar foi estenografada.¹⁴

Gebhard Himmler controlava especialmente o desempenho escolar dos filhos e estimulava-os a aproveitar as férias para repassar a matéria da escola. Quando o filho mais velho, Gebhard, perdeu mais da metade do primeiro ano letivo em virtude de diversas doenças, o pai se empenhou não somente em recuperar as matérias perdidas, como também em fazer com que o filho se tornasse o melhor aluno da classe até o final do segundo ano primário.¹⁵ Além disso, os pais cuidavam para que os filhos tivessem “as companhias certas”, dando preferência a crianças da alta burguesia de Munique.

O pedantismo de Gebhard Himmler, para o qual sua sobrinha-neta chamou a atenção, ficou ainda mais evidente quando, em 1910, organizou uma viagem à Grécia sem a família. Gebhard fez preparativos abrangentes para o caso de não voltar com vida. Redigiu longa carta de despedida para cada ente familiar, com conselhos detalhados quanto ao caminho a seguir em suas vidas e inúmeras recomendações práticas para o domínio da rotina diária. Chegou a elaborar um catálogo de virtudes para o filho mais velho; pediu que fosse “aplicado, fiel às obrigações, ético” e o advertiu a ser “um homem trabalhador, religioso e voltado à cultura alemã”. Isso correspondia de forma exata às máximas pelas quais criou os três filhos.¹⁶ Infelizmente, a carta para Heinrich não foi preservada. Himmler queria, conforme se depreende dessas cartas, que os filhos estudassem e se tornassem doutores, mas não em filologia ou teologia. Também não deveriam tornar-se oficiais.

Naqueles anos que antecederam à Primeira Guerra Mundial, os Himmler moravam em bairros privilegiados, o que não significa exclusivos.¹⁷ Tinham uma empregada e aparentemente estavam livres de preocupações financeiras. Mantinham estreito contato com diversos membros familiares e frequentavam um círculo de amigos relativamente grande.¹⁸ Continuavam cultivando a relação com o príncipe Heinrich, que se interessava sinceramente pelos progressos do afilhado e pelo bem-estar da família Himmler. A relação era bastante cordial, como o demonstra a correspondência entre Gebhard e o príncipe; na época do Natal, os Himmler recebiam a visita do príncipe e

de sua mãe, que, após a morte do marido, o príncipe Arnulf, adotou o nome de princesa Arnulf.¹⁹

Conservadores, acomodados, monarquistas, católicos, economicamente abastados e tradicionalistas do ponto de vista cultural, os Himmler viviam em um ambiente que contrastava radicalmente com a fama bastante difundida de Munique da virada do século: a de uma metrópole de cultura explicitamente moderna, profundamente artística, tolerante e alegre. De fato, no entanto, o modernismo cultural e o liberalismo político já estavam em retrocesso desde 1900: o governo liberal da cidade e o Ministério Liberal do Estado da Baviera eram cada vez mais pressionados pelo centro conservador católico, que se voltava principalmente contra “a imoralidade”, as tendências não convencionais na vida cultural e, em especial, contra o mundo boêmio dos artistas da Suábia. Análoga à posição dessa frente político-cultural, o mundo dos Himmler se mantinha indiferente às obras de Thomas ou Heinrich Mann, do *Blaue Reiter* (Cavaleiro azul), do cenário dos cabarés da Suábia e do *Jugendstil*.^{*20}

Em 1902, a família se mudou provisoriamente para Passau, onde Gebhard Himmler obtivera um posto no colégio humanista.²¹ Em fevereiro de 1903, Heinrich, então com 2 anos, teve sérios problemas pulmonares, o que levou a mãe a passar alguns meses da primavera com os filhos em Wolfegg, um vilarejo na região da Algóvia, para que o menino pudesse se curar. Heinrich corria sério perigo de contrair tuberculose, uma das mais frequentes causas de óbito em crianças naquela época. Assim que Heinrich melhorou um pouco, voltaram a Passau; mas os pais evidentemente temiam as doenças infantis corriqueiras que, considerando o estado debilitado de Heinrich, poderiam ter consequências graves ou até mesmo fatais.²²

Em 1904, a família mudou-se de volta para Munique, onde Gebhard Himmler, que havia sido promovido a professor de ensino médio, assumiu um cargo no Ludwigsgymnasium. Novamente os Himmler foram morar em um apartamento, dessa vez na Amalienstrasse 86, logo atrás da universidade.²³ Para Heinrich, começava uma época difícil: não só o irmão mais velho, Gebhard, que iniciara a vida escolar em setembro de 1904, contraíra diversas doenças infecciosas em sequência e, por isso, se tornara o centro das atenções dos pais, tomando o lugar do pequeno Heinrich, como a mãe estava grávida outra vez. Em dezembro de 1905 nasceu Ernst, e Heinrich teve de conviver com o fato de que a atenção dos pais agora se voltava prioritariamente para o irmão mais novo.²⁴

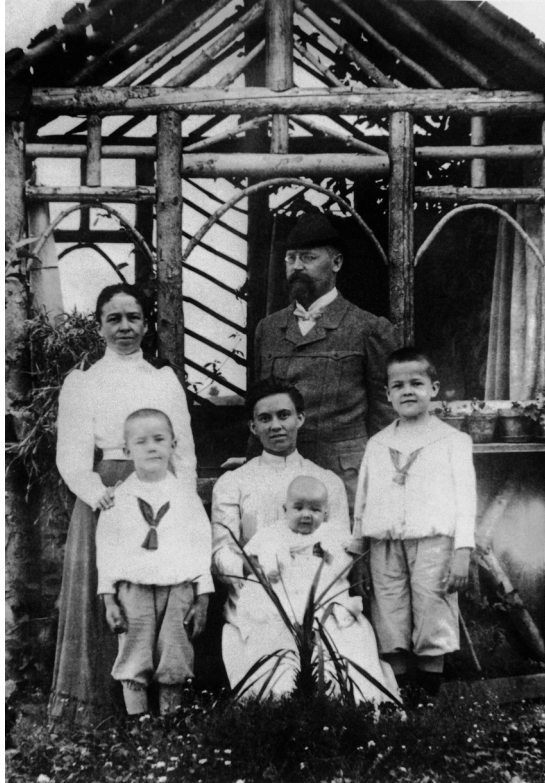
* Jugendstil — estilo de arquitetura e design dos países germânicos semelhante ao Art Nouveau (N. das T.)

Heinrich agora se encontrava na difícil posição de filho do meio, espremido entre o exemplo superior do irmão mais velho e a consideração zelosa pelo pequeno Ernst. Nessa situação, em que talvez temesse ser deixado de lado pela família, as doenças não só representavam períodos de sofrimento, como também ofereciam uma boa possibilidade de reconquistar a atenção dos pais. É possível que a raiz de seus futuros problemas psicossomáticos se encontre nessa experiência. Em todo caso, começou a desenvolver certa complacência jovial em relação ao irmão mais novo.²⁵

Em 1906, Heinrich foi matriculado na Domschule, em Salvatorplatz, no centro de Munique (e não na Amalienschule, que seria a indicada para as crianças que moravam no seu bairro). Ali também não teve sorte no início. Assim como ocorrera com seu irmão, ele perdeu 150 dias letivos durante o primeiro ano devido a doenças infecciosas como tosse, sarampo, caxumba e principalmente uma pneumonia. Embora as matérias perdidas tenham sido recuperadas em casa com uma professora particular,²⁶ o fato de os pais, mais especificamente o pai, terem expectativas muito altas em relação ao filho, além da nova constelação familiar que se criou desde a chegada do irmão mais novo, deve tê-lo pressionado, já que, apesar das boas notas, não chegou a ter uma média tão boa quanto a do irmão mais velho. Somente com a mudança para a Amalienschule, em 1908, sua situação parece ter ficado menos tensa. Lá Heinrich era bom aluno e também fez amizade com alguns colegas de classe.²⁷

O longo recesso de verão que a família costumava passar no sul da Baviera, na região dos Alpes, certamente era a época mais emocionante do ano para os irmãos Himmler. Aproveitavam as férias visitando os pontos turísticos, fazendo caminhadas e passeios de barco e se ocupando com outras atividades recreativas. Em 1910, enquanto estavam em Lenggries, o pai encarregou Heinrich de escrever um diário durante as férias de verão: ele mesmo tratou logo de fazer a primeira anotação para que o filho tivesse um exemplo a seguir. A partir daí, o pai lia e corrigia o que Heinrich escrevia e cuidava para que, nos anos seguintes, ele mantivesse diários semelhantes.²⁸

Não é de admirar que esses registros tivessem o caráter de um exercício escolar e essencialmente se reduzissem a uma sequência banal, mas meticulosa, das atividades. Em 1911, por exemplo, Heinrich registrava seguidamente quantas vezes tinha ido nadar: chegou a mencionar 37 idas à água.²⁹ A reprodução bastante precisa do dia a dia é algo que Heinrich manteve, mesmo depois de seu pai ter deixado de verificar seu diário. No lugar do controle paterno, instalara-se o autocontrole.³⁰



Gebhard e Anna Himmler (sentada) com os três filhos: Heinrich (à esquerda), Ernst (no centro) e Gebhard (à direita), em uma fotografia de 1906.

Em 1910, Heinrich foi transferido para o *Wilhelmsgymnasium*, onde o pai lecionara até 1902.³¹ Era um menino magro, de estatura relativamente baixa e constituição franzina, adoecia com frequência e aparentava fragilidade. O rosto redondo, dominado pelos óculos que era obrigado a usar em tempo integral, parecia acentuadamente infantil; o queixo recuado realçava ainda mais essa impressão.

Quando um dos antigos colegas de escola, Wolfgang Hallgarten — que fugira dos nazistas para os Estados Unidos e se tornara um dos mais renomados historiadores americanos da história alemã —, descobriu, décadas depois, que aquele colega de classe chamado por todos de “Himmler” era, de fato, o “homem do terror” de anos mais tarde, inicialmente não pôde acreditar. Parecia-lhe grande demais o contraste entre o RFSS e o menino de “estatura mediana, rosto de aspecto leitoso, físico bastante desajeitado e cabelos quase raspados de

tão curtos, que já à época usava óculos de aro dourado sobre o nariz um tanto pontudo” e que frequentemente exibia “um sorriso entre envergonhado e malévolo”. Segundo Hallgarten, Himmler era reconhecido por todos os professores como um aluno exemplar; na classe era visto como extremamente ambicioso e não era muito popular. Hallgarten se lembrava especialmente da figura lamentável que Himmler fazia durante as aulas de ginástica, para diversão dos colegas. O ódio aos judeus, segundo Hallgarten, era algo distante de Himmler naquela época; em compensação, lembrava-se bem de sua postura radicalmente antifrancesa.³²

Em 1913, o professor Himmler assumiu o cargo de diretor adjunto no Humanistischen Gymnasium, em Landshut. A família agora dispunha de recursos para se mudar para uma casa com jardim.³³ Falk Zipperer, um amigo dos tempos de Munique, felizmente também se mudou com família para Landshut, onde o padraсто, Ferdinand von Pracher, tornou-se presidente da região administrativa local — do ponto de vista dos Himmler tratava-se, portanto, da base familiar ideal para o melhor amigo do filho. A amizade duraria muito tempo: em 1937, Himmler organizou um almoço por ocasião do casamento de seu amigo.³⁴ Em 1938, incorporou-o à SS e, em 1940, Zipperer, então habilitado como historiador do direito, publicou um artigo em homenagem ao aniversário de 40 anos do amigo.³⁵ Em 1944 — Himmler se preparava para a sua última festa natalina —, a esposa de Zipperer, Lieselotte, ainda constava na lista de presentes.³⁶

Outra relação que durou até o fim da Segunda Guerra Mundial foi a com Karl Gebhardt, três anos mais velho que Himmler. Os dois se conheceram ainda meninos em Landshut. Gebhardt se tornou médico e, mais tarde, dirigiu um sanatório em Hohenlychen, na região de Berlim, que, como ainda veremos, terá um papel relevante na vida de Himmler.³⁷ Himmler também manteve a amizade dos tempos de Munique com Edi e Luisa, filhas do curador geral Hager.³⁸ Por esta evidência se vê que Heinrich não era de maneira alguma solitário, ainda que seus colegas o considerassem um câ-dê-e e um fracote. Seus eram escolares durante a época de Landshut, que duraria até 1919, de fato eram acima da média: em religião e história sempre obtinha “muito bom” e em línguas recebia “muito bom” e “bom”; sua matéria mais fraca era física, que encerrou num ano com um mero “suficiente”. Em uma avaliação do ano escolar de 1913-1914 consta: “Aluno aparentemente muito habilitado que, com incansável aplicação, ambição ardente e ativa participação durante as aulas, alcançou os melhores resultados da classe. Seu comportamento foi exemplar.”³⁹